

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

A FORMAÇÃO DOCENTE E IDENTIDADE DO PEDAGOGO PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA CRÍTICA

Rayck Christielson Sousa Mendes ¹, Lídia Azevedo de Menezes Rodrigues ² Jemerson
Vinicius Costa Oliveira ³ Gabriela dos Santos Sousa

RESUMO

A formação docente e a identidade do pedagogo constituem-se como dimensões centrais para compreender a prática educativa e o papel social da docência no Brasil contemporâneo. Este estudo teve como objetivo analisar a trajetória de vida de uma pedagoga, buscando compreender como suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais contribuíram para a construção de sua identidade docente e para a consolidação de uma educação crítica. Para tanto, fundamentou-se em autores como: Nóvoa (1992), Pimenta (2000) e Saviani (2007), dentre outros. A pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa, utilizando entrevista semiestruturada realizada de forma remota e a produção de um documentário expositivo-participativo, que integrou relatos orais e visuais, permitindo ampliar a compreensão do contexto de formação da professora G.C.S.R. Os resultados evidenciaram que a identidade docente se constitui como um processo contínuo, marcado pela interação entre vivências individuais e coletivas, pela influência das condições históricas e socioculturais, e pela reflexão crítica sobre a prática pedagógica, como também evidenciou os impactos das desigualdades de gênero na constituição da identidade docente. Observou-se, ainda, a relevância das questões de gênero e diversidade como elementos indissociáveis na constituição do ser pedagogo, destacando a necessidade de enfrentar desigualdades estruturais e promover uma educação inclusiva e emancipadora. O estudo conclui que a formação inicial representa apenas o início de um percurso permanente, no qual a formação continuada, o autorreconhecimento e a resiliência se tornam essenciais para o fortalecimento da identidade profissional. Nesse sentido, ser pedagogo revela-se um processo em constante reconstrução, pautado pelo compromisso ético-político com a transformação social e pela valorização da trajetória docente.

Palavras-chave: Formação docente. Identidade do pedagogo. Educação crítica. Gênero.

1 INTRODUÇÃO

A formação docente e a identidade do pedagogo constituem-se como temáticas centrais e recorrentes nos estudos educacionais, pois envolvem tanto o percurso

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: rayckmendes25@gmail.com

² Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: lidia_azevedo@uvanet.br

³ Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: jemersonviniciuscosta@gmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), E-mail: gabrielasantos60@gmail.com



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

profissional do educador quanto os sentidos subjetivos que esse processo adquire ao longo da vida. No contexto da docência, tais elementos não podem ser compreendidos de forma isolada: a identidade do professor se constrói em diálogo com suas experiências formativas, vivências pessoais, práticas pedagógicas e sobre o contexto de interseccionalidade de classe, gênero e raça nas quais o pedagogo está inserido.

Compreender a docência, portanto, exige uma abordagem que vá além dos marcos institucionais e curriculares, considerando as narrativas de vida como fonte legítima de saber e como via potente de análise e reflexão. Estudar a identidade docente por meio de trajetórias individuais permite reconhecer que a formação do pedagogo não se dá apenas nos espaços formais da universidade, mas é atravessada por vivências anteriores e paralelas, marcadas por afetos, conflitos, escolhas, desafios e resistências.

Nesse processo, as questões de gênero se apresentam como uma dimensão fundamental para a constituição da identidade docente, uma vez que a docência, historicamente marcada pela feminização, é atravessada por desafios estruturais relacionados ao reconhecimento social, à autoridade pedagógica e à valorização profissional das mulheres. Tal cenário evidencia que a trajetória das educadoras não pode ser analisada de forma neutra ou descolada das relações de poder que permeiam a sociedade, mas deve ser compreendida a partir das desigualdades de gênero que ainda se reproduzem no espaço educacional e que impactam diretamente a prática pedagógica e a construção da identidade do pedagogo.

As histórias de vida se tornam, assim, um campo fértil para compreender os processos que moldam a percepção do professor sobre si mesmo, sobre sua prática e sobre o papel que desempenha na sociedade. Essa abordagem possibilita dar visibilidade a experiências que frequentemente ficam à margem das discussões acadêmicas, mas que são fundamentais para a constituição do sujeito docente.

Diante disso, investigar trajetórias pessoais e profissionais de pedagogos é também uma maneira de reafirmar o caráter político e social da formação docente. A docência, nesse sentido, não pode ser entendida apenas como um ofício técnico, mas como um compromisso ético, que se renova continuamente à medida que o professor reflete sobre sua própria prática e sobre o impacto que ela produz. Essa perspectiva exige



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

que olhemos para a formação e para a identidade docente como processos dinâmicos, inconclusos e profundamente situados histórica e socialmente.

Neste artigo, propõe-se conhecer e analisar a trajetória de vida da pedagoga G. C. S. R, destacando os aspectos que contribuíram para a construção de sua identidade docente. O objetivo é compreender como suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais se entrelaçam na constituição de sua prática pedagógica, de sua visão de mundo e de seu posicionamento ético-político diante da educação.

Tal proposta justifica-se pela importância de valorizar as vozes dos sujeitos da educação, reconhecendo que cada trajetória carrega marcas singulares que, ao serem compartilhadas, enriquecem a compreensão sobre o que significa ser professora no Brasil contemporâneo.

A pesquisa foi realizada por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), como parte da disciplina “Formação e Identidade do Pedagogo”, sob a orientação do professor Luiz Ferreira Lima Neto.

Utilizou-se como metodologia a entrevista semiestruturada, conduzida de forma remota, aliada à produção de um documentário expositivo-participativo, que articulou narrativas orais e visuais. A abordagem qualitativa permitiu interpretar os sentidos atribuídos pela pedagoga às suas vivências, ampliando a compreensão sobre os processos de constituição identitária docente.

Ao trazer a trajetória de uma educadora, este artigo contribui para a valorização da dimensão subjetiva da formação, ao mesmo tempo em que convida à reflexão crítica sobre os desafios e potenciais da profissão docente no cenário atual, especialmente no que se refere às questões de gênero que atravessam a identidade docente

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é formação e identidade docente

A formação e a identidade docente constituem-se como elementos essenciais para compreender o processo de se tornar professor. A formação docente não se resume às etapas de escolarização formal, mas abrange um percurso complexo de desenvolvimento



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

peçoal, profissional e social. Nesse sentido, a formação é entendida como um processo contínuo e permanente, atravessado por experiências, saberes e práticas.

António Nóvoa (1992) contribui para essa discussão ao afirmar que os professores se formam na prática, por meio da reflexão sobre sua experiência cotidiana:

A formação não se constrói por acumulação (cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (Nóvoa, 1992, p. 25).

Do mesmo modo, Pimenta (1996), a identidade docente é construída a partir do significado pessoal que cada professor atribui à sua profissão. Isso ocorre na medida em que ele se reconhece como sujeito de sua prática, alguém que age e que dá sentido ao que faz. Essa construção se dá no cotidiano, atravessada por seus valores, sua forma de compreender o mundo, sua trajetória de vida, suas crenças, conhecimentos, inquietações e desejos.

Segundo Galindo (2004), a identidade é forjada por meio de dois movimentos complementares: o autorreconhecimento, a percepção de si enquanto sujeito que ensina, e o alter-reconhecimento ou reconhecimento social, como esse sujeito é visto no contexto coletivo. Portanto, entender a trajetória formativa dos pedagogos é fundamental para compreender os sentidos e significados que atribuem à sua prática educativa.

A identidade docente, portanto, é atravessada por múltiplas dimensões, vivências pessoais, formação acadêmica, experiências profissionais, afetos, convicções políticas e condições socioculturais. Essas dimensões, contudo, não podem ser compreendidas sem considerar o peso dos papéis de gênero e dos estereótipos historicamente atribuídos à docência, que influenciam diretamente o modo como a sociedade reconhece a autoridade e o valor dos educadores. Como destacam Vasconcelos e Pocahy (2013, p. 135-136),

sob o pretexto de que as mulheres seriam aquelas que possuiriam sensibilidade maternal, existe a compreensão de que o cuidar e o educar de bebês e crianças pequenas não são tarefas masculinas. Desse modo, considerando tais atribuições como tarefas femininas, historicamente a educação infantil foi se configurando em um espaço eminentemente de professoras.

Essa compreensão evidencia que a identidade docente não se limita a uma escolha profissional ou a um percurso formativo, mas é fortemente condicionada por uma ~~construção social genericada~~. O trabalho educativo, ao ser historicamente associado à



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

feminilidade, produziu efeitos ambíguos: de um lado, possibilitou que as mulheres ocupassem esse espaço e o transformassem em campo de atuação profissional; de outro, reforçou desigualdades culturais e estruturais, uma vez que a docência passou a ser desvalorizada justamente por estar vinculada ao cuidado, ao afeto e à maternidade. Assim, a feminização do magistério revela como os estereótipos de gênero não apenas definem papéis dentro da escola, mas também influenciam a forma como a sociedade reconhece, ou deslegitima, a autoridade e a importância do professor, em especial da pedagoga.

No entanto, não se pode deixar de lado a também histórica relação de trabalho precarizado, desigual e injusto a que as mulheres vêm sendo sujeitadas. Isso é facilmente observado quando nos damos conta de que, desde sempre, as professoras de Educação Infantil foram incentivadas a trabalharem como vocacionadas, como mães espirituais, como redentoras. (Vasconcelos; Pocahy, 2013, p. 135-136).

A formação docente não se restringe ao campo de atuação do pedagogo, mas também acontece nas relações interpessoais, nas redes de apoio e no contato com profissionais experientes. A trajetória dos pedagogos já formados se torna uma referência para os futuros docentes, que aprendem tanto com os saberes pedagógicos quanto com a forma como esses profissionais lidam com desafios históricos, como a desvalorização ligada à feminização do magistério. Isso mostra que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas um processo que envolve dimensões éticas, sociais, humanas e também de gênero, pois os estereótipos ainda influenciam como a sociedade reconhece a docência. Como destacam Vasconcelos e Pocahy (2013, p. 135), “os discursos territorializam a figura da mulher-professora, destinada ‘naturalmente’ a este lugar, sugerindo ainda e nada sutilmente que os homens se constituem como um perigo a ser afastado e/ou corrigido”

Nessa perspectiva, o ensino deve ser entendido como prática social situada historicamente, considerando as condições reais de vida dos estudantes e os contextos em que estão inseridos. Como lembra Freire (1996), a formação acontece na relação com o outro; assim, o contato com docentes experientes possibilita não só aprender pela observação e pelo exemplo, mas também construir valores profissionais que questionem desigualdades e fortaleçam uma identidade docente mais crítica e consciente.

2.2 Formação e identidade do pedagogo para uma educação crítica



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Uma formação docente voltada para a transformação social pressupõe um compromisso político com a educação crítica e emancipadora. O pedagogo que se forma nessa perspectiva não apenas ensina conteúdos, mas também questiona, reflete e propõe mudanças sociais por meio de sua prática educativa.

Freire (1996) é uma referência central nessa perspectiva ao afirmar que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção... Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p. 25 e 47).

O professor, nesse contexto, é um sujeito histórico, inacabado, em constante formação. Saviani (2007) destaca que o desenvolvimento do sistema educacional brasileiro, desde o período colonial até os dias atuais, esteve profundamente condicionado pelas transformações sociopolíticas e econômicas vivenciadas pelo país.

Nesse sentido, a formação docente não pode ser compreendida de forma neutra ou descontextualizada, pois reflete diretamente as condições históricas, estruturais e laborais que moldam a profissão. A sociologia do trabalho contribui para evidenciar que a docência, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais, tem sido marcada por processos de precarização, baixos salários e pela histórica feminização do magistério, o que reflete desigualdades de gênero enraizadas nas relações de trabalho. Assim, compreender a identidade docente implica também analisar como a divisão sexual do trabalho influencia a valorização (ou a desvalorização) da profissão.

Além disso, a escola não é apenas um espaço de transmissão de saberes, mas também de reprodução cultural e social. Nesse contexto, a cultura heteronormativa se expressa tanto nas práticas pedagógicas quanto nas expectativas sociais sobre professores e professoras. Estudos como os de Vasconcelos e Pocahy (2013) apontam que a educação infantil, por exemplo, foi historicamente marcada por discursos que territorializam a figura da “mulher-professora”, considerada naturalmente mais apta para cuidar e educar crianças, enquanto homens foram vistos como corpos estranhos ou suspeitos nesse espaço. Isso revela como a escola participa ativamente na manutenção de estereótipos de gênero e na legitimação de desigualdades.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

É nesse ponto que a educação crítica se torna imprescindível: ela busca desnaturalizar tais discursos, problematizar as hierarquias de gênero e questionar os mecanismos de opressão presentes no cotidiano escolar. Como lembra hooks (2013), a sala de aula deve ser um espaço de entusiasmo e de liberdade, capaz de transgredir fronteiras e enfrentar sistemas de dominação como o racismo, o sexismo e a homofobia.

Assim, a identidade do pedagogo comprometido com a educação crítica é também uma identidade militante, que se constrói na luta por condições mais justas de ensino, pela valorização da profissão docente e pelo direito à educação pública de qualidade para todos. Essa identidade crítica se afirma, sobretudo, no enfrentamento das estruturas sociais que reproduzem desigualdades, sejam elas de classe, gênero, raça ou sexualidade, e no compromisso ético e político de transformar a escola em um espaço de emancipação.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, por privilegiar a compreensão dos significados atribuídos pela professora às suas experiências formativas e profissionais. A investigação não buscou quantificar dados, mas interpretar narrativas e elementos autobiográficos que revelam aspectos da constituição identitária docente.

O processo metodológico envolveu uma entrevista semiestruturada, realizada de forma remota, que possibilitou à professora relatar sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Esse instrumento de coleta de dados foi escolhido por permitir maior flexibilidade e abertura, favorecendo a construção de um diálogo no qual a participante pôde expressar suas percepções, vivências e reflexões sobre sua prática educativa (Duarte, 2004).

Complementarmente, foi produzida uma narrativa em formato de documentário expositivo-participativo, na qual se articularam relatos orais e elementos visuais. Essa estratégia buscou ampliar a dimensão interpretativa do estudo, permitindo que a trajetória da professora fosse apresentada de maneira mais sensível e contextualizada.

Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, de inspiração qualitativa, que possibilitou identificar categorias emergentes a partir dos relatos da participante. As falas



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

foram organizadas, sistematizadas e interpretadas à luz do referencial teórico, destacando os aspectos relacionados à constituição da identidade docente, às experiências formativas e ao posicionamento ético-político da pedagoga.

A escolha por esse percurso metodológico justifica-se pela sua pertinência em estudos que buscam compreender processos subjetivos e sociais. Ao valorizar a singularidade das experiências sem desconsiderar o contexto histórico e cultural, a metodologia adotada permitiu não apenas dar visibilidade à trajetória individual da professora, mas também fomentar uma reflexão crítica sobre a formação e a identidade do pedagogo no cenário contemporâneo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da entrevista revelou que a trajetória da pedagoga investigada está profundamente marcada por sua defesa de uma educação crítica, inspirada no pensamento de Paulo Freire e compreendida como prática de liberdade e de emancipação dos sujeitos. Em seus relatos, destacou a relevância de promover, junto aos estudantes, uma formação que ultrapasse a mera transmissão de conteúdos, valorizando o diálogo, a problematização da realidade e a construção coletiva do conhecimento.

Nessa perspectiva, o ato de ensinar foi descrito não apenas como um processo técnico, mas sobretudo como uma prática humanizadora, comprometida com a transformação social.

A docente reforçou a importância de despertar nos alunos a consciência crítica acerca de seu contexto, reconhecendo-os como sujeitos históricos, capazes de intervir na realidade em que estão inseridos. Tal postura reafirma a concepção freiriana de que a educação deve ser entendida como um exercício político e ético, no qual a aprendizagem se constitui em instrumento de resistência e de libertação.

A trajetória apresentada confirma a concepção de que a identidade docente não é fixa ou estática, mas construída de forma dinâmica e processual, a partir da articulação entre experiências pessoais, acadêmicas e profissionais (Nóvoa, 1992; Pimenta, 1996). Essa identidade, ao longo da narrativa, mostrou-se atravessada por vivências que reafirmam a docência como um espaço de tensionamento entre projetos de sociedade: de



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

um lado, a reprodução das estruturas excludentes; de outro, a busca por uma prática pedagógica libertadora.

Ao mesmo tempo, evidencia-se que a prática pedagógica crítica, na perspectiva freiriana, não se restringe à sala de aula, mas envolve um posicionamento ético-político diante das condições sociais e educacionais. Isso implica reconhecer as contradições do sistema educacional, denunciar situações de opressão e valorizar o papel do professor como agente de mudança. Como afirmam Freire (1996) e hooks (2013), a educação, quando assumida em seu potencial transformador, torna-se espaço de resistência, transgressão e construção de alternativas emancipatórias.

Assim, a experiência da pedagoga investigada reafirma que a identidade profissional do docente se consolida não apenas por meio de sua formação acadêmica, mas, sobretudo, no engajamento cotidiano com a realidade e na capacidade de assumir uma postura crítica e comprometida com os ideais de justiça social, equidade e emancipação humana.

4.1 Questões de gênero e relações na educação

Outro aspecto relevante identificado na narrativa da pedagoga refere-se à relação entre identidade docente e questões de gênero. A entrevistada relatou episódios de desvalorização e perseguição pelo fato de ser mulher, ressaltando como tais experiências afetaram sua constituição profissional. Esse dado dialoga com os estudos que apontam a docência como um espaço permeado por relações de poder e por desigualdades de gênero, exigindo resistência e afirmação identitária por parte das professoras.

De acordo com Vasconcelos e Pocahy (2013), a feminização histórica do magistério produziu efeitos ambíguos: de um lado, permitiu que as mulheres ocupassem esse espaço como campo de atuação profissional; de outro, reforçou desigualdades estruturais, vinculando a docência a valores de cuidado e maternidade que contribuíram para sua desvalorização social. A fala da pedagoga confirma essa ambivalência, ao evidenciar como a autoridade feminina na escola ainda é constantemente colocada em dúvida.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Além disso, sua narrativa trouxe reflexões sobre a pauta da mulher e da população LGBTQIA+ no espaço escolar. A pedagoga destacou que a escola continua reproduzindo desigualdades estruturais, tanto no reconhecimento da autoridade docente feminina quanto no acolhimento da diversidade sexual e de gênero. Nesse contexto, a heteronormatividade funciona como dispositivo regulador que estabelece padrões de comportamento e reforça exclusões, dificultando o reconhecimento pleno de identidades dissidentes.

O relato de situações de perseguição e descrédibilização por ser mulher evidencia que a docência não é apenas um espaço de formação, mas também de disputa simbólica e política. Nessa direção, a pedagoga reafirmou a necessidade de práticas pedagógicas que enfrentem o sexismo, a homofobia e a transfobia, promovendo um ambiente educativo pautado pela equidade, pelo respeito e pela valorização das diferenças. Tal perspectiva amplia a função social do pedagogo, que deixa de ser mero transmissor de conhecimentos para assumir o papel de agente crítico de transformação social.

Ao aproximar essa discussão da fundamentação teórica, observa-se a pertinência das contribuições de Freire (1996), que entende a educação como prática de liberdade, e de hooks (2013), que defende a sala de aula como espaço de resistência e transgressão das normas que sustentam sistemas de dominação. Reconhecer e legitimar as experiências de mulheres e da comunidade LGBTQIA+ na escola significa, portanto, enfrentar o silenciamento historicamente imposto e afirmar a educação como prática emancipadora.

4.2 O documentário como recurso de memória e identidade

A produção do documentário constituiu-se como um recurso metodológico que possibilitou aos estudantes compreenderem de forma mais ampla o contexto histórico, social e profissional da pedagoga entrevistada. O material audiovisual reuniu os principais momentos da entrevista e incorporou fotografias que ilustraram etapas significativas de sua trajetória, como a formação acadêmica e experiências profissionais.

O uso das imagens potencializou o exercício da memória e da identidade, permitindo reconhecer a fotografia como instrumento de registro das vivências e como recurso pedagógico de valorização da história individual, Brito (2010). A articulação



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

entre o relato oral e a narrativa visual conferiu maior sensibilidade à pesquisa, promovendo uma abordagem que ultrapassa o registro informativo para também evocar dimensões emocionais e afetivas.

Essa estratégia revelou-se fundamental para compreender a constituição da identidade docente, pois evidenciou como o percurso formativo da pedagoga é atravessado por experiências, lutas e escolhas que marcam sua prática educativa. O documentário não apenas documentou informações, mas também favoreceu uma reflexão crítica sobre a formação docente e a prática pedagógica no contexto contemporâneo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender que a identidade do pedagogo se constitui como um processo dinâmico, contínuo e inacabado, marcado pelas múltiplas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais que atravessam sua trajetória. A análise da narrativa da pedagoga entrevistada evidenciou que a formação inicial representa apenas o ponto de partida, sendo a formação continuada, a reflexão crítica e o engajamento ético-político elementos indispensáveis para a consolidação da identidade docente.

Os resultados demonstraram que a docência, concebida na perspectiva freiriana, não se limita à transmissão de conteúdos, mas se traduz em prática de liberdade e emancipação. Tal concepção reafirma o papel do pedagogo como sujeito histórico que, ao dialogar com os estudantes, contribui para a construção de uma consciência crítica e para a transformação da realidade social.

Outro aspecto central refere-se às questões de gênero e à presença da heteronormatividade no espaço educacional. A trajetória da pedagoga revelou que a profissão docente ainda está atravessada por desigualdades estruturais, que desvalorizam a autoridade feminina e dificultam o reconhecimento das diversidades sexuais e de gênero. Nesse contexto, a escola se mostra como espaço de disputas simbólicas e políticas, no qual é necessário resistir às práticas de silenciamento e exclusão. Incorporar a luta contra o sexismo, a homofobia, a transfobia e à prática pedagógica torna-se, portanto, condição para que a educação cumpra seu papel emancipador.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Conclui-se que a identidade docente só pode ser plenamente compreendida quando articulada às interseccionalidades de gênero, classe e raça, uma vez que tais dimensões condicionam tanto a experiência profissional quanto as formas de reconhecimento social do professor. Ser pedagogo, nesse sentido, significa assumir um compromisso ético-político em permanente reconstrução, que exige resiliência, autorreconhecimento e engajamento crítico com as causas sociais.

Do ponto de vista prático, reforça-se a necessidade de políticas públicas que valorizem a carreira docente, assegurem condições de trabalho dignas e promovam a formação permanente, comprometida com a equidade e a inclusão. Para além do campo institucional, destaca-se a importância de reconhecer as trajetórias individuais como fonte legítima de saber e como caminho de reflexão sobre os desafios contemporâneos da educação.

Portanto, ser pedagogo hoje significa, mais do que nunca, posicionar-se diante das desigualdades estruturais e afirmar a docência como prática transformadora. Ao assumir esse papel, o professor reafirma sua identidade como sujeito de resistência e de emancipação, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

REFERÊNCIAS

BRITO, Luciana Souza de et al. *Histórias e memórias institucionais a partir do acervo fotográfico do Centro Universitário Franciscano (1955–1980)*. 2010.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 24, p. 213–225, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALINDO, Wedna Cristina Marinho. A construção da identidade profissional docente. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 14–23, 2004.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 15–33.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 15–34.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

VASCONCELOS, Francisco Ullissis Paixão e. *Heteronormatividade e educação infantil: uma análise a partir da feminização do ensino*. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014.

VASCONCELOS, Francisco Ullissis Paixão e; POCAHY, Fernando Altair. “Não é a mamãe?”: a presença de homens educadores como elemento na problematização da agonística social da feminização da educação infantil. *Textura: Revista de Educação e Letras*, v. 15, n. 28, 2013.

